

SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

SUPER

INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),
João Luís Cardoso (coordenador científico deste número),
Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,
António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,
António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.

Consultora **Marta Ariño**
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.
A Super Interessante é uma publicação
registada na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

Neanderthals and the emergence of anatomically modern humans in Portuguese territory

João Cascalheira e João Luís Cardoso

Abstract

The Neanderthal presence in Portugal is well documented, with anthropological remains in several karst caves. Their presence extends from around 200,000 to around 40,000 years ago.

For a long time, it was considered that anatomically modern humans would only have reached the center and south of the Peninsula around 34,000 years ago. This absence was explained by the difficulty of adapting to local conditions and by the still active presence of Neanderthals. Thus, the less accessible territories would have functioned as the last strongholds of these populations. Portugal, Mediterranean Spain, Greece and Italy frequently appear as examples of this trend.

In the specific case of the Iberian Peninsula, the model called the “Ebro frontier” has been proposed by some researchers as a biogeographic line located in the Ebro valley that would have separated the two human populations for millennia. However, this model has been the target of increasing opposition. Problems with radiocarbon dating and divergences in the results obtained for the various sites that supported the model have recently raised doubts about the validity of this division.

Abstract (continuation)

However, this vision of stable territories exclusively inhabited by Neanderthals until the late arrival of modern humans has recently been challenged. One of the most significant pieces of evidence comes from Lapa do Picareiro, in central Portugal. Excavations at this site have revealed lithic assemblages attributed to the Early Aurignacian, associated with anatomically modern humans, directly dated to between approximately 41,100 and 38,100 calibrated years before present (cal BP). These results, obtained through high-resolution dating techniques, represent some of the strongest evidence for the early presence of modern humans in central Portugal.

What makes Picareiro especially important is not only its chronology but also its geographic and cultural context. Located south of the proposed “Ebro Frontier,” the site challenges the idea of a long-standing geographic separation between Neanderthals and modern humans on the Iberian Peninsula. Additionally, Aurignacian occupations at Bajondillo (Andalusia), with even earlier dates, reinforce this scenario of a rapid and early dispersal of our species across southwestern Europe.

Although these interpretations have faced criticism, particularly regarding the stratigraphic associations between materials and dates, the growing body of recent data points to a more complex mosaic of transitions. This suggests that the replacement of Neanderthals by modern humans was not a sudden or geographically linear process, but rather one marked by chronological overlaps, intermittent occupations, and different ecological adaptation strategies.

Thus, the archaeological record from Lapa do Picareiro is currently a key piece in the debate on the emergence of anatomically modern humans in Portugal. It not only provides one of the earliest chronologies for their presence south of the Ebro but also integrates Portugal into a broader narrative of mobility, cultural diversity, and demographic complexity during the initial phases of the Upper Paleolithic in Europe.

Keywords: Neanderthals; modern humans; Paleolithic; miscegenation; Iberian Peninsula; Portugal

OS NEANDERTAIS E A EMERGÊNCIA DOS HUMANOS ANATOMICAMENTE MODERNOS

no território português

JOÃO CASCALHEIRA

Arqueólogo, Investigador de ICAREHB
– Universidade do Algarve

JOÃO LUÍS CARDOSO

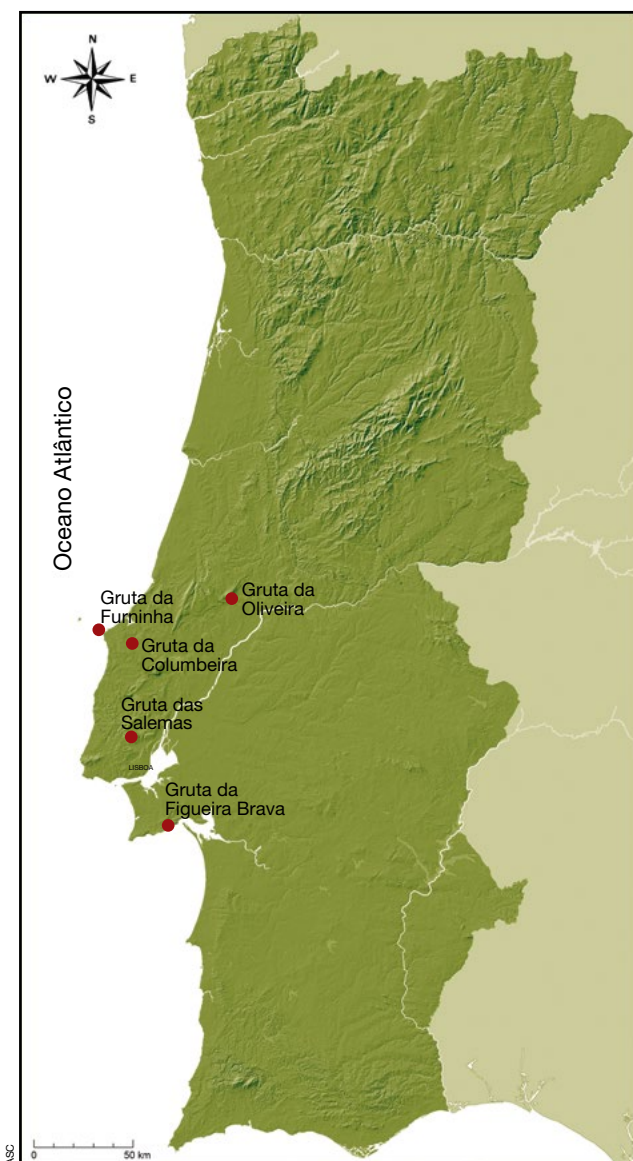
Investigador-Coordenador convidado do
ICAREHB (Universidade do Algarve). Coordenador
do CEACO (Câmara Municipal de Oeiras)

Tendo em consideração as assinaláveis semelhanças com a nossa própria espécie e uma longa história de sucesso na Europa, os Neandertais pareciam ter tudo para prosperar. No entanto, entre cerca de 45 000 e 37 000 anos atrás, estas populações humanas desapareceram por completo, sendo substituídas por grupos de humanos anatomicamente modernos. Esta transição biológica e cultural marca um dos momentos mais significativos da nossa história evolutiva.

Nas últimas décadas, temos vindo a conhecer melhor os processos que levaram ao desaparecimento dos Neandertais e à expansão da nossa espécie pela Europa. Ainda assim, os mecanismos propostos para explicar este fenómeno são diversos e complexos: alterações climáticas severas, fragilidade demográfica e competição com outras populações humanas. Esta multiplicidade de fatores dificulta uma interpretação linear, sobretudo numa

escala continental.

Neste contexto, a Península Ibérica apresenta-se como um laboratório natural para testar modelos de transformação cultural e demográfica. Situada no extremo sudoeste da Europa, funcionou como refúgio último para os Neandertais, particularmente nas regiões meridionais. Com várias décadas de dados arqueológicos provenientes de escavações em território português — aos quais se juntam investigações em curso e o uso crescente de metodologias analíticas avançadas — têm vindo a surgir pistas fundamentais para repensar este período decisivo da pré-história humana, desafiando modelos estabelecidos e revelando a complexidade das transições entre diferentes grupos humanos



Sítios portugueses que revelaram vestígios de Neandertais.

Entrada da gruta da Furninha, Peniche. Fotografia de João Luís Cardoso.



ASC



ASC



ASC / ROUNDTHROWORLD CC BY SA 4.0

A entrada da gruta das Salemas, estreita diáclase alargada vertical, aberta nos calcários duros do Cenomaniano (Formação de Bica), no final das escavações realizadas em 1959, dirigidas por Octávio da Veiga Ferreira (à direita) e José Camarate França (à esquerda). Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira.

Afloramento calcário onde se encontra a Gruta das Salemas (Loures).

A PRESENÇA NEANDERTAL EM PORTUGAL

A presença neandertal em Portugal está bem documentada, com restos antropológicos em diversas grutas cársicas. A sua presença estender-se-á desde há cerca de 200 000 até cerca de há 40 000 anos atrás. A Gruta da Furninha, escavada já no século XIX pelo insigne geólogo e arqueólogo Joaquim Filipe Nery Delgado, foi uma das primeiras a revelar restos atribuídos a Neandertais. Embora algumas das grutas com ocupações neandertais tenham sido escavadas com grande rigor nessa época, como é o caso da Furninha, onde Delgado registou cuidadosamente os materiais segundo os níveis estratigráficos, o início do século XX assistiu a um declínio no interesse por contextos cavernícolas. O foco da investigação deslocou-se para sítios a céu aberto, em geral menos informativos do ponto de vista estratigráfico, limitando a compreensão da sequência cronocultural destas populações, mas com grande relevância do ponto de vista tecnológico tendo em conta a presença, na maior parte desses sítios, de conjuntos muito avultados de ferramentas líticas neandertais.

A partir dos anos 1960, escavações na Gruta das Salemas (Loures) e na Gruta Nova da Columbeira (Bombarral) (página 36), lideradas pelo ilustre arqueólogo Octávio da Veiga Ferreira, marcaram o início de uma nova fase de investigação moderna sobre o Paleolítico em Portugal.

Na década de 1980, uma equipa liderada por M. Telles Antunes e João Luís Cardoso conduziu escavações na Gruta da Figueira Brava, situada na serra da Arrábida,

onde se encontraram não só vestígios de habitação prolongada, mas também o único dente definitivo de Neandertal conhecido em Portugal. Estes trabalhos destacaram ainda o uso intensivo de recursos marinhos, incluindo crustáceos como a sapateira, peixes, aves marinhas e, em menor escala, mamíferos como o golfinho-comum (*Delphinus delphis*) e a foca-anelada (*Pusa hispida*), cujos restos podem corresponder simplesmente à exploração secundária de animais arrojados à praia (ou nela capturados, no caso da foca).



ASC

Gruta Nova da Columbeira, Vista do interior da gruta no decurso das escavações, realizadas em 1962, evidenciando-se a existência de depósitos negros em resultado de combustões prolongadas ali observadas. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.



ASC

A entada atual da gruta da Figueira Brava, vista do mar, no litoral da serra da Arrábida. Fotografia de João Luís Cardoso.

Mais recentemente, entre 2010 e 2011, sob a direção de João Zilhão e com a colaboração de João Luís Cardoso e de outros investigadores, novas escavações arqueológicas na Figueira Brava puderam confirmar uma ocupação prolongada entre há cerca de 106 000 e 86 000 anos, durante o último interglaciário (Estádio Isotópico Marinho 5c–5a). O novo conjunto de dados documenta práticas sazonais de subsistência, uso recorrente do fogo e uma organização estruturada do espaço habitacional. Estes resultados demonstram que os Neandertais ibéricos já apresentavam comportamentos complexos de exploração ecológica muito antes da chegada dos humanos modernos à Europa.

A caça de mamíferos de grande porte pelas populações neandertais está bem documentada em várias grutas portuguesas pela presença de auroques, e eventualmente de elefantes e mamutes. Alguns ossos de auroque foram mesmo transformados em instrumentos, como é o caso de um punhal feito a partir de um rádio proximal recolhido nas escavações antigas da Gruta da Figueira Brava. Este artefacto evidencia para além da exploração deste animais como meio de subsistência, também o aproveitamento tecnológico dos recursos faunísticos, revelando uma complexidade cultural frequentemente subestimada nas comunidades neandertais. Para além dos auroques, os mamíferos de médio porte, como veados e cavalos, eram comuns na época, evidenciando a utilização de uma variedade de habitats que incluíam terrenos abertos e zonas mais florestadas. Para além da carne, a medula



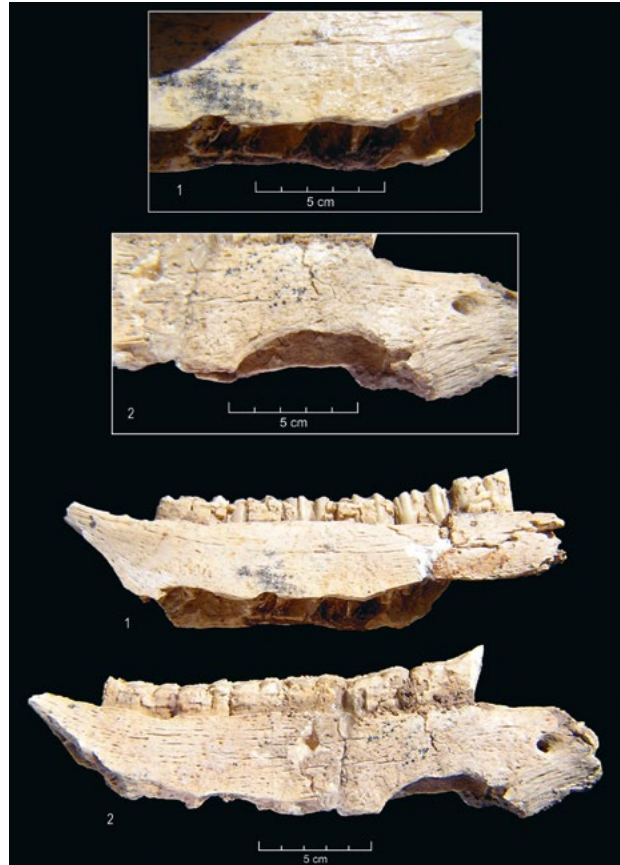
O único dente definitivo de neandertal conhecido até o presente em território português, um prémolar superior, proveniente da gruta da Figueira Brava. Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Fotografia de João Luís Cardoso.

Gruta da Figueira Brava. Pinças de sapateira intencionalmente partidas para extração da carne. Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Fotografia de João Luís Cardoso.





Gruta da Figueira Brava. Punhal feito no rádio proximal do auroque. Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Fotografia de João Luís Cardoso.



Gruta da Figueira Brava. Duas hemimandíbulas de cavalo intencionalmente fraturadas ao longo do seu bordo inferior para extração da medula óssea, para fins alimentares. Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Fotografia de João Luís Cardoso.

óssea era também sistematicamente utilizada através da fratura de ossos longos ou outros segmentos anatómicos ricos em medula óssea, como evidenciado por duas hemimandíbulas de cavalo fraturadas longitudinalmente ao longo do seu bordo inferior para este fim.

Em vários destes sítios, o consumo de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) encontra-se também muito bem documentado. Assim o revela um estudo recente de conjuntos provenientes da Gruta Nova da Columbeira que identificou a presença sistemática de restos de coelhos, incluindo ossos queimados e fraturados intencionalmente, compatíveis com práticas de extração de medula. Os dados taxonómicos, que apontam para a ausência de marcas de digestão ou mordeduras de carnívoros, aliados à predominância de exemplares adultos e à presença de fragmentos típicos de quebra por humanos, sugerem que estes animais foram efetivamente caçados e consumidos.

Em certas grutas, como no caso da Gruta Nova da Columbeira e da Gruta da Oliveira, encontraram-se ainda carapaças de tartarugas terrestres (*Testudo hermanni*), indicando que os Neandertais tiravam partido de recursos de fácil captura,



Fragmentos de carapaça de tartaruga terrestre europeia recolhidos na Gruta Nova da Columbeira. Fotografia de João Luís Cardoso.

reforçando a ideia de uma dieta diversificada entre os Neandertais ibéricos. A análise tafonómica mostra evidências claras de que estes animais eram intencionalmente recolhidos e processados, sendo muitas vezes assados diretamente nas brasas e depois abertos com recurso a ferramentas de pedra. Na Gruta da Oliveira, o elevado grau de fragmentação dos ossos e a presença de marcas de percussão indicam um consumo intensivo ao longo do tempo, ao ponto de se notar uma diminuição do tamanho médio das tartarugas — um sinal de possível sobre-exploração da população local. Em contraste, na Figueira Brava, o padrão observado sugere uma recolha mais oportunista, compatível com a disponibilidade de uma maior diversidade de recursos costeiros. Este comportamento revela uma adaptação flexível ao ambiente e uma sofisticação notável nas estratégias de subsistência neandertais.

A CHEGADA DOS PRIMEIROS HUMANOS MODERNOS

Durante muito tempo, considerou-se que os humanos anatomicamente modernos só teriam alcançado o centro e o sul da Península há cerca de 34 000 anos. Esta ausência explicava-se pela dificuldade de adaptação às condições locais e pela presença ainda ativa dos Neandertais. Assim, os territórios menos acessíveis teriam



Canhão cársico do Lapedo, sitio onde foi descoberto o esqueleto da «Criança de Lapedo».

funcionado como últimos redutos destas populações. Portugal, Espanha mediterrânica, Grécia e Itália surgem frequentemente como exemplos desta tendência.

De facto, o papel desempenhado pelo atual território português como área de refúgio de muitas espécies tem origem em épocas muito anteriores. Neste contexto, é importante recordar a presença abundante de *Hyaena hyaena prisca* (antecessora da atual hiena-raiada africana), bem como de uma antiga subespécie de lobo de pequeno tamanho (*Canis lupus lunellensis*) na Gruta da Furninha até há cerca de 80 000 anos. Estes vestígios faunísticos, associados a contextos de ocupação neandertal, reforçam a importância ecológica deste território como abrigo para espécies em períodos de instabilidade climática. A persistência destes animais durante tanto tempo num mesmo local demonstra que a região oferecia condições ambientais particularmente favoráveis e resilientes, o que ajuda a compreender porque terá também funcionado como um dos últimos redutos para as populações neandertais na Europa.

No caso concreto da Península Ibérica, o modelo denominado por «fronteira do Ebro» foi proposto por alguns investigadores como uma linha biogeográfica localizada no vale do Ebro que teria separado as duas populações humanas durante milénios. No entanto, este modelo tem sido alvo de crescente contestação. Problemas nas datações por radiocarbono e divergências nos resultados obtidos para os vários sítios que suportavam o modelo levantaram recentemente dúvidas sobre a validade dessa divisão.

Os dados mais recentes sugerem uma paisagem de transição bastante mais complexa. Indústrias de «transição», como o Chatelperronense, presentes no norte da Península e em França, estão ausentes em Portugal e no resto da Península Ibérica. Isto pode indicar um contacto limitado entre Neandertais e humanos moder-

nos neste território, apesar da descoberta do esqueleto aparentemente híbrido da «criança do Lapedo», cujos resultados de datação por radiocarbono diretamente aos ossos do esqueleto, atestam uma idade que ronda os 28 000 anos.

Vários sítios portugueses com datações atribuídas a Neandertais foram recentemente reavaliados, revelando idades significativamente mais antigas do que os resultados anteriormente conhecidos. Entre os principais exemplos incluem-se a Gruta da Figueira Brava, a Gruta Nova da Columbeira, a Foz do Enxarrique e a Gruta da Oliveira, cujos vestígios chegaram a ser considerados como pertencentes a uma fase muito tardia da presença neandertal na Península Ibérica. No entanto, a aplicação de novas metodologias de datação, como a ultrafiltração em colagénio e a análise de sedimentos por séries de urânio, permitiu reposicionar estas ocupações cronologicamente. Os novos resultados indicam que estas presenças são, afinal, mais antigas do que se pensava, apontando para um recuo cronológico significativo e obrigando à revisão de modelos que postulavam uma persistência prolongada de Neandertais nestes locais até cerca de 37 000 anos atrás. Por outro lado, sítios como Cueva Antón (Múrcia) e Gorham's Cave (Gibraltar) continuam a ser fortes candidatos a últimos refúgios neandertais. Nestes casos, a proximidade ao litoral e a preferência por habitats abertos e ricos em recursos podem explicar a sua ocupação prolongada.

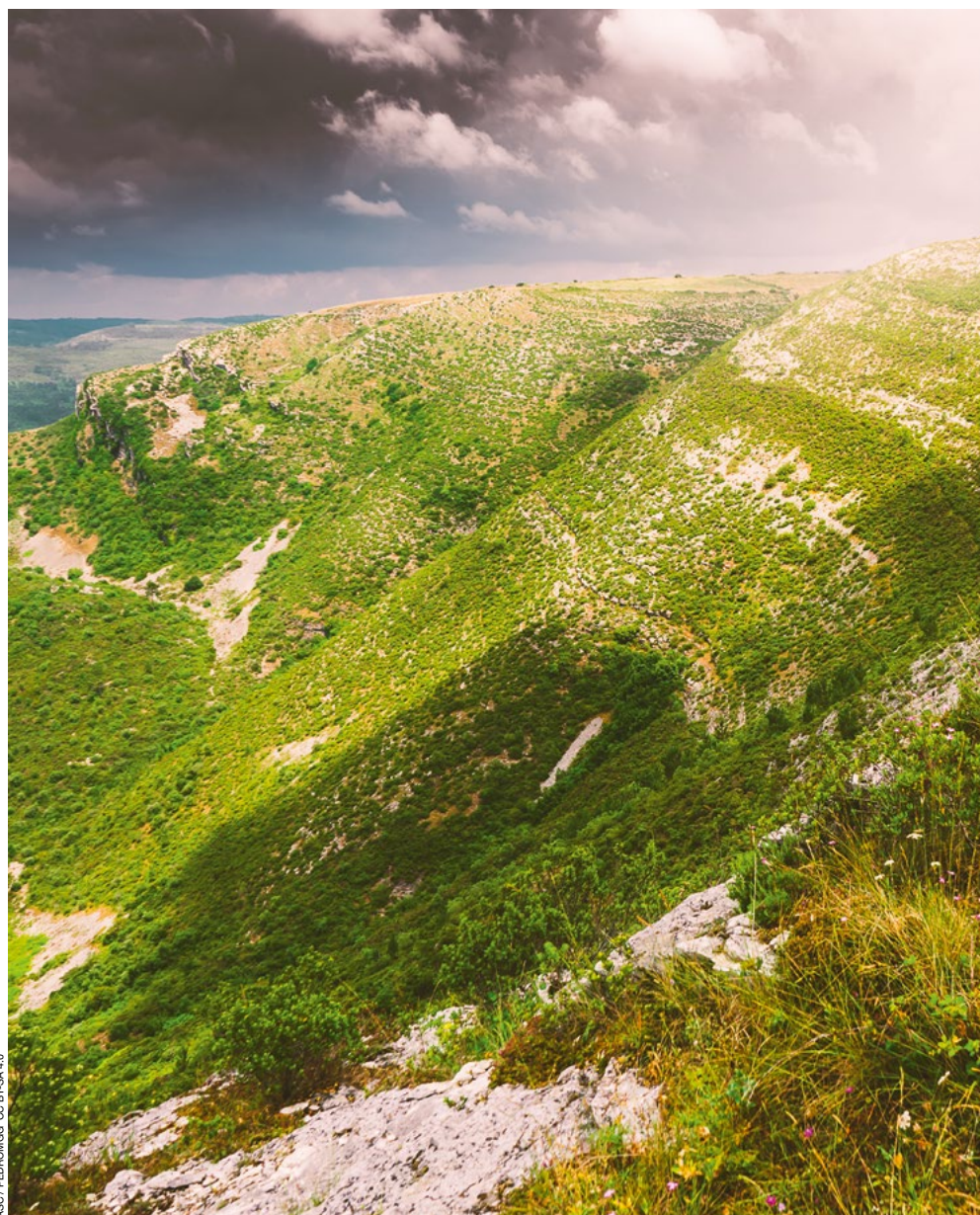
PORQUE DESAPARECERAM OS NEANDERTAIS?

Particularmente relevante é o facto de ainda pouco se saber sobre a dinâmica eco-cultural que teve lugar entre as condições aparentemente estáveis e resilientes dos Neandertais durante o Estádio Isotópico Marinho 5 (130 000 – 80 000 anos atrás) e as rápidas oscilações climáticas do Estádio Isotópico Marinho 3 (57 000 – 29 000 anos atrás), período em que se dá o seu desaparecimento. Esta transição foi marcada por mudanças ambientais significativas, para as quais ainda não compreendemos bem como as populações neandertais se adaptaram. A escassez de sítios bem preservados e datados deste intervalo limita a nossa capacidade de reconstruir os modos de vida e as respostas comportamentais desses grupos humanos face aos desafios crescentes do meio.

Eventos climáticos extremos, como o Heinrich 5 – um dos vários eventos climáticos bruscos registados durante o último período glaciário, caracterizado pelo afundamento de grandes blocos de gelo no Atlântico Norte, o que provocou alterações significativas na circulação oceânica e no clima global –, poderão ter tido um impacto decisivo, fragmentando territórios, reduzindo redes sociais e afetando negativamente a fertilidade. Estas pressões podem ter contribuído para o desaparecimento dos Neandertais antes mesmo da chegada dos humanos modernos. Investigações arqueológicas mais recentes têm vindo a reavaliar este panorama, com destaque para os projetos em curso, sob a coordenação de João Cascalheira nas grutas do Escoural (Montemor-o-Novo) e da Companheira (Portimão). Estes dois sítios, atualmente alvo de escavações sistemáticas com recurso a metodologias avançadas de datação e análise contextual, prometem fornecer dados essenciais para compreender melhor a presença e o modo de vida das populações neandertais na região.

A descoberta de indústrias aurignacenses, cuja autoria no resto da Europa se encontra indubitavelmente atribuída a populações de humanos modernos, com datações tão antigas quanto 43 000 anos em Bajondillo (Espanha) e 40 000 na Lapa do Picareiro (Portugal) desafia diretamente o modelo da «fronteira do Ebro». Estes dados apontam para uma expansão rápida dos humanos modernos pela Europa Ocidental, com uma complexa interação entre populações humanas e ambientes variados.

Tal como no restante continente, o desaparecimento dos Neandertais na Península Ibérica não parece ter uma causa única. Três grandes tipos de explicação têm sido propostos: (1) competição com os humanos modernos, (2) alterações ambientais



Serra de Aire, onde se localiza a gruta da Lapa do Picareiro.



Localização dos sítios a sul da bacia do Ebro com ocupações do Paleolítico Médio, correspondentes a Neandertais possivelmente datados até ca. 37 000 anos (pontos pretos), segundo Zilhão (2021); e sítios do Paleolítico Superior, correspondentes a humanos anatomicamente modernos possivelmente datados de 40 000 ou anteriores (pontos vermelhos), segundo Haws et al., (2020) e Cortés-Sánchez et al. (2019).

e (3) dinâmicas demográficas internas, como consanguinidade ou efeitos populacionais críticos (efeitos Allee – um fenómeno ecológico segundo o qual, quando o tamanho ou densidade de uma população é demasiado reduzido, a aptidão média dos indivíduos diminui, comprometendo a sua capacidade de sobrevivência e reprodução, o que pode levar a um colapso populacional irreversível). Todas têm pontos fortes e limitações, mas nenhuma se impõe de forma definitiva.

A ideia de que os humanos modernos teriam vencido pela sua «superioridade cognitiva» é hoje cada vez mais posta em causa. A produção de arte, o uso de ornamentos pessoais, a exploração intensiva de recursos e a sofisticação crescente dos utensílios revelam uma cultura neandertal mais rica e adaptável do que se supunha. Em vez de um povo primitivo a ser substituído por outro mais avançado, talvez estejamos perante um processo evolutivo com nuances, onde a extinção não foi inevitável, mas o resultado de contingências ecológicas, sociais e históricas profundas.

Com base nos dados atuais, é cada vez mais claro que os últimos Neandertais não desapareceram em silêncio, nem sem deixar rasto. A sua história continua a ser escrita – não apenas nas grutas que habitaram, mas também nos nossos genes, nas nossas perguntas e na forma como olhamos para o passado comum da humanidade. ■



Vista geral do abrigo do Lapedo. Fotografia de João Luís Cardoso, junho de 2021. Publicada com a autorização das responsáveis atuais das escavações.

A SEPULTURA DO «MENINO DO LAPEDO»

A sepultura paleolítica do «menino do Lapedo», pertencente a uma criança de cerca de cinco anos, foi descoberta na base de um depósito plistocénico de carácter antrópico, no abrigo do vale do Lapedo (Lagar Velho, Leiria). A descoberta, feita no decurso de prospeção arqueológica, foi seguida de escavação de emergência. Do esqueleto, apenas o crânio se encontrava em muito mau estado, fragmentado em centenas de pedaços que, porém, permitiram colagem e reconstituição parcial.

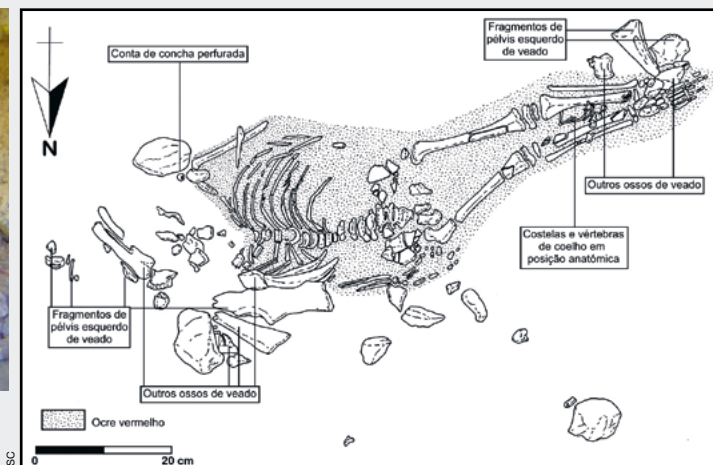
A escavação meticulosa permitiu reconstituir o ritual de enterramento. O cadáver, envolto numa pele e polvilhado de ocre vermelho – possivelmente também aplicado sobre a superfície externa da pele que envolvia o corpo – foi então colocado em decúbito dorsal. Uma porção de coelho, colocada entre as pernas e no interior da pele, acompanhava o corpo. Depois, o espaço foi envolvido com nacos de carne de veado, conforme mostram os restos ósseos encontrados. Como adornos, a criança possuía um ornamento craniano com caninos perfurados de veado – quatro desses elementos foram encontrados junto ao crânio – e um colar com uma conta feita em concha perfurada de *Littorina obtusata*.

O uso de ocre vermelho é prática funerária conhecida além-Pirenéus, sugerindo para esta sepultura uma cronologia gravetense, hipótese confirmada pelas datações de radiocarbono obtidas. Originalmente, as idades obtidas para o carvão, ossos de veado e uma vértebra de coelho situavam a deposição da sepultura num intervalo entre há 27.700 e 29.700 anos atrás. Contudo, novas datações por radiocarbono, com base na medição do aminoácido hidroxiprolina (HYP), extraído do colagénio ósseo no rádio direito do esqueleto fixam o enterramento da criança entre há 27.780 e 28.550 anos, com maior precisão e fiabilidade (Linscott et al., 2025).

Estas novas idades obrigam à revisão de interpretações anteriores. O carvão anteriormente pensado fazer parte de uma fogueira ritual é agora considerado mais antigo e pré-existente à sepultura, rejeitando-se a hipótese inicial. Também a pre-



Vista geral das escavações em curso em junho de 2021. Fotografia de João Luís Cardoso. Publicada com a autorização das responsáveis atuais das escavações.



Sepultura do «menino do Lapedo». Seg. João Zilhão, modificado (in Cardoso, 2002)

sença de ossos de veado – como a pélvis junto ao ombro, datada entre há 28.200 e 29.260 anos – parece resultar de deposição anterior. Em contrapartida, a deposição intencional de um coelho juvenil – com vértebra datada entre há 27.150 e 28.790 anos – mantém-se válida: os restos estavam articulados, tingidos de ocre e dispostos entre as pernas da criança.

Do ponto de vista cultural, os elementos arqueológicos associados à sepultura são plenamente compatíveis com o Gravetense. Em particular, os adornos sugerem a existência de uma ligação cultural entre a Península Ibérica, a Aquitânia e o Midi francês (Zilhão & Trinkaus, 2002). A importância desta sepultura – a mais completa sepultura infantil do Paleolítico Superior europeu – é reforçada pelas conclusões do estudo antropológico (Duarte et al., 1999), segundo o qual a criança exibia um «mosaico» de traços anatómicos, uns evocando os *Homo sapiens*, outros os Neandertais.

Tal circunstância levou à hipótese de miscigenação entre populações locais neandertais e grupos de *Homo sapiens* recém-chegados. A criança do Lapedo representaria assim uma linhagem híbrida, integrando o património genético neandertal. Contudo, esta continuidade biológica contrasta com a descontinuidade absoluta entre o Paleolítico Médio (Mustierense) e o Superior (Aurignacense e Gravetense) em Portugal, sem indústrias de transição conhecidas. Tal contradição pode ser resolvida pela proposta de uma interação desequilibrada em favor dos grupos modernos. Assim, embora possa ter ocorrido miscigenação, do ponto de vista cultural deu-se uma substituição completa, com a adopção de tecnologias completamente distintas das utilizadas pelos Neandertais.

Referências

- Cardoso, J. L. (2002) – Pré-História de Portugal. Lisboa: Editorial Verbo.
- Duarte, C., Maurício, J., Pettitt, P. B., Souto, P., Trinkaus, E., Van Der Plicht, H., & Zilhão, J. (1999). The early Upper Paleolithic human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho (Portugal) and modern human emergence in Iberia. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 96(13), 7604-7609.
- Linscott, B., Devières, T., Duarte, C., Trinkaus, E., & Zilhão, J. (2025). Direct hydroxyproline radiocarbon dating of the Lapedo child (Abrigo do Lagar Velho, Leiria, Portugal). *Science Advances*, 11(10), eadp5769. <https://doi.org/10.1126/sciadv.adp5769>
- Zilhão, J., & Trinkaus, E. (2002). Portrait of the Artist as a Child: The Gravettian Human Skeleton from the Abrigo do Lagar Velho and its Archeological Context. Instituto Português de Arqueologia.